

Na belíssima obra "O Retrato de Dorian Gray", do escritor europeu Oscar Wilde, o protagonista Dorian, enquanto visitava uma representação teatral de Romeu e Julieta, afirmou ser o bom teatro destinado à elite, a qual receberia cultura, história e valores de forma exclusiva. Paralelamente à realidade atual do Brasil, o mesmo acontece no que tange ao cinema, tornando a democratização de seu acesso uma pauta relevante. Assim, cabe destacar a falta de iniciativa estatal para a desconcentração de tal fonte de conhecimento, bem como a geração de indivíduos alienados e incôscios culturalmente a partir dessa privatização.

Deve-se pontuar, de início, a inatividade do Estado quando se fala em democratizar a sétima arte. Não obstante ao direito básico constitucional à cultura e ao lazer, assegurado a todos os cidadãos, a fonte mais lúdica de valores sociais, história e informação ainda é capitalizada e limita o acesso a poucos que têm como pagar. Provas incontestes de tal descalabro são dados do canal Meio e Mensagem: apenas 17% dos brasileiros frequentaram o cinema em um período amostral de 30 dias. Ainda assim, o governo possui incipientes projetos de cinema de rua acessíveis, exposições públicas ou campanhas de incentivo ao gozo de tal bem imaterial, comprovando o aforismo do escritor Mikhail Bakunin, para quem o Estado é a negação da humanidade. Se as instituições supremas não lutam pelos direitos do povo, é cada vez mais difícil torná-los reais e assegurar tal humanidade vital.

Como consequência, convém ressaltar a formação de pessoas desinformadas e alheias aos traços de seu país e do mundo. A globalização surgiu para encurtar as distâncias a nível mundial, usando o cinema como um disseminador de informação. No entanto, como definiu o filósofo Arthur Schopenhauer, os limites do campo de visão de cada um são como barreiras para seu próprio desenvolvimento. Então, quando o indivíduo é tolhido do acesso a tais mediadores, seu conhecimento é limitado, fechado somente ao que sua renda permite. Assim, pessoas de periferia, de classe média ou baixa - maioria no país - viram partes negligenciadas, que têm oportunidades abafadas enquanto se privilegia quem possui capital. Destarte, somente uma democratização ampliaria os horizontes, seguindo a máxima de Schopenhauer.

Mediante os fatos elencados, urge medidas para resolver o impasse. É mister que o Governo Federal, por meio da Agência Nacional de Cinema (Ancine), realize campanhas de incentivo à população, ofertando, de maneira gratuita, amostras de cinema e feiras de exibição, além de fornecer mais verbas para a produção de filmes e para sua distribuição popular, com o fito de se aproximar da democratização e aumentar o contato do tecido social com as informações. As medidas podem dar-se, também, por meio de escolas e centros de ensino, com eventos semanais dedicados à apreciação de obras cinematográficas, palestras de conscientização e atividades de discussão sobre temas abordados nos filmes, a fim de mudar a tendência de exclusão, incitar a equidade intelectual e desmistificar o elitismo de Dorian Gray.